



ARY, Rafael. A formação de dramaturgos no Brasil. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Pós-graduação em Artes da Cena; Doutorado; Mario Alberto de Santana. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; Bolsa de Doutorado. Dramaturgo e Ator.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma primeira reflexão a respeito da minha pesquisa de doutorado em andamento. Trata-se de um estudo sobre a formação de novos dramaturgos a partir de experiências em processos colaborativos que foram realizados por grupos de teatro em todo o território nacional desde a década de 1990. A possibilidade de experimentar em sala de ensaio fomentou a aprendizagem de uma geração de dramaturgos que, dada as características polifônicas do processo colaborativo, tornou sua escrita mais próxima da cena. O trabalho do dramaturgo em processos colaborativos preencheu, por vezes, a lacuna deixada pela falta de escolas de formação em dramaturgia no Brasil.

Palavras-chave: Dramaturgia: Processo Colaborativo: Aprendizagem

ABSTRACT

This work presents a first reflection on my doctoral research in progress. This is a study about the formation of new playwrights, with experience in collaborative processes, performed by theater groups around the country since the 1990s. The possibility of experimenting on rehearsal room promoted the learning of a generation of playwrights. The work in collaborative processes filled the gap left by the lack of drama schools in Brazil.

Keywords: Dramaturgy: Collaborative Process: Learning.

Durante a minha pesquisa de mestrado, cujo título é *A Função Dramaturgia no Processo Colaborativo*, meu foco de investigação estava sobre o desempenho da função de dramaturgo em processos colaborativos. Meu interesse principal era compreender a organização do processo de criação e o espaço ocupado pelo dramaturgo nessa organização, seus procedimentos criativos, os acordos entre os envolvidos, as interseções entre as instâncias de atuação, encenação e dramaturgia (SANTANA, 2003).

A função dramaturgia, a função encenação e a função atuação são campos de organização de procedimentos com o intuito de articulação das instâncias. Os modos de interação entre as funções são diversos. Não há maneira certa de distribuí-las ou manejá-las (ARY, 2011: 8).

No desenvolvimento da pesquisa supracitada, comecei a enxergar outras resultantes que não estavam previstas, inicialmente, como vieses. O resultado apresentado dos espetáculos constituídos em processo colaborativo nunca foi um dado relevante para a pesquisa. Não houve a preocupação em analisar uma possível estética própria dos processos colaborativos. De certa forma, estava em busca dos elementos criativos que o dramaturgo utilizava em uma situação tão plural e instável. O dramaturgo, em processo colaborativo, não cria sua obra a despeito da cena. E isso faz toda a diferença em sua formação.

Vamos imaginar uma situação ideal, bastante distante da brasileira, onde um dramaturgo em início de carreira tenha a oportunidade de ser encenado, nesse modelo onde há a distância entre o texto escrito e a cena, ou seja, a proposição cênica do dramaturgo e a realização, pelo resto da equipe, estão cindidas. Este dramaturgo só terá a oportunidade

de enxergar o que funciona, usando a linguagem do artista, quando o trabalho estiver em cena. Em um processo colaborativo, as exigências da sala de ensaio impelem o dramaturgo a reescrever e assistir dezenas de possibilidades de uma mesma ideia, perseguir a melhor e mais cênica concepção da mesma. Esse aspecto de experimentação constante pode fomentar um rico processo de formação para um dramaturgo.

O projeto de pesquisa, posto em prática no doutorado, cujo título é *Dramaturgia Colaborativa: Procedimentos de Criação e Formação*, foi resultado da observação de dois fenômenos, durante o mestrado: a falta de escolas de formação em dramaturgia no Brasil e o fomento de uma geração de dramaturgos por meio de processos colaborativos, realizados em grupos estáveis de teatro, principalmente na cidade de São Paulo, a partir da década de 1990.

Grupos como O Teatro da Vertigem e a Companhia do Latão, por meio de suas práticas teatrais constantes, foram esteio para o desenvolvimento de novos dramaturgos e dramaturgias. Marici Salomão, que, atualmente, é responsável pela coordenação do Curso de Dramaturgia da SP Escola de Teatro¹ e do Núcleo de Dramaturgia Sesi-British Council, resume os aspectos principais de um processo colaborativo.

Nos anos 90, a dramaturgia também encontrou voz no teatro de grupo, que passou a produzir dramaturgia própria, por meio dos chamados processos colaborativos, que em breves palavras vem a ser a construção do espetáculo a partir de improvisações na sala de ensaio, com a presença de todos os envolvidos no diálogo artístico, sem hierarquia processual, porém com responsabilidades individuais (SALOMÃO, 2008: 90).

Apesar de não ser um método, as diretrizes apontadas acima demonstram, em alguma instância, um aspecto comum entre os processos assim nomeados. A experimentação continuada dessas diretrizes deixou suas marcas no processo de formação de uma geração de dramaturgos? Se sim, de que maneira isso se constituiu? Poderíamos falar de um semblante de tradição dramaturgical, a partir dessas experiências? Tradição é a transmissão de práticas ou de valores de geração em geração. Ao sistematizar as diretrizes colaborativas e experimentá-las pedagogicamente, como se tem feito na SP Escola de Teatro, por exemplo, talvez não seja leviano afirmar que estejamos presenciando o fomento de uma possível tradição, no que diz respeito, principalmente, à formação de artistas da cena.

Todos são instados a colaborar criativamente, a emitir opiniões, e as decisões sobre o trabalho são tiradas no consenso e não na imposição de um líder. Tais características fazem do processo colaborativo um meio eficiente de construção do espetáculo tanto quanto de formação do artista/indivíduo. Cada realidade vai pedir um tipo de abordagem do processo (...) O importante é que se tenha em mente que, em termos pedagógicos, o resultado deve ser apenas uma consequência (NICOLETE, 2005: 205).

Adelia Nicolete expõe o emparelhamento entre o aspecto pedagógico e o resultado estético de um espetáculo constituído em processo colaborativo. A grosso modo, todo processo criativo tem algo a ensinar, independente da preocupação anterior que se tenha com este aspecto. A diferença está nas diretrizes. O processo colaborativo prevê e estimula a contínua formação do artista, tecnicamente e como sujeito, como um fim, tão importante, ou mais, que o resultado.

A minha pesquisa de doutorado se encontra na fase inicial. O campo de inserção, as entrevistas e o levantamento bibliográfico desvelam uma discussão potente e

¹ Inaugurado em novembro de 2009, é o primeiro e único curso técnico em dramaturgia do Brasil. Realizo parte do meu campo de pesquisa de doutorado neste curso.

multifacetada sobre a contribuição da noção de colaboratividade nos processos criativos teatrais para a formação de uma geração de dramaturgos. É preciso atentar para o esgotamento do modelo autodidata no que tange o campo da dramaturgia. Assim como há tantas escolas de formação, técnicas e superiores, para atores e diretores, é necessário que surjam espaços consolidados para a formação de novos dramaturgos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARY, Rafael. **A função dramaturgia no processo colaborativo**. Dissertação de Mestrado em Artes. Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

NICOLETE, Adelia Maria. Da cena ao texto: **dramaturgia em processo colaborativo**. Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas. Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

SALOMÃO, Marici. **Os limites do autodidatismo na dramaturgia brasileira**. Revista Sala Preta. São Paulo: Departamento de Artes Cênicas. Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, v. 8, n. 1, 2008.

SANTANA, Mario Alberto de. **A cena e a atuação como depoimento estético do ator criador nos espetáculos A Cruzada das Crianças e Apocalipse 1,11**. Tese de Doutorado em Artes Cênicas. Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.